

CORTE.

CORREIO MERCANTIL

PROVINCIAS.

POR UM ANNO . . . 16U000
POR SEIS MEZES . . . 8U000
POR TRES MEZES . . . 4U000

POR UM ANNO . . . 20U000
POR SEIS MEZES . . . 10U000
POR TRES MEZES . . . 5U000

O CORREIO MERCANTIL é propriedade de F. J. dos Santos Rodrigues e Ca.
O ASSCRIPTIONTO é na rua da Quitanda, n. 13 sobrado.

INSTRUCTIVO, POLITICO, UNIVERSAL.

As Assignaturas comeco dos dias 1 e 16 de cada mez.
Os artigos Communicados de interesse geral, tem inserção gratuita.

RIO DE JANEIRO

24 de março.

Pelo vapor Todas os Santos entrado dos portos do Sul recebemos folhas do Rio Grande até 14 do corrente, as quaes dão aquella provincia em perfeito socego, tendo-se instalado a assemblea provincial no dia 4 do corrente, e no lugar competente acharão os nossos leitores uma carta de Bogé relatando alguns acontecimentos, que tem havido na fronteira.

VARIIDADES.

HISTORIA

DO

MAGNETISMO ANIMAL.

(Continuado do n. 83.)

Em 1825 o doutor Foisac propunha á academia de medicina uma sessao magnetica. afim de que ella podesse dar conta dos phenomenos extraordinarios de que seria testemunha. Depois de longas discussões, accetou a academia a proposta e nomeou em 1826 uma commissão composta de MM. Husson, Itard, Bourdois de la Motte, Guenault de Musy, Marc, Tillaye, Fouquier, Double e Magendie.

Os commissarios derão principio immediatamente aos seus estudos e os proseguirão até 1831, época em que M. Husson foi encarregado de resumir os trabalhos da commissão em um relatório favoravel ao magnetismo, e cujos ultimos dois paragraphos sómente citaremos:

Considerado como agente de phenomenos phisico-logicos ou como meio therapeutico, o magnetismo deve achar lugar no quadro dos conhecimentos medicos; e por conseguinte só os medicos devião fazer delle emprego, ou vigial-o, como nos países do Norte se pratica. Não pôde a commissão verificar, por não ter occasião, outras faculdades que os magnetisadores haviam annuciado existir nos somnambulos; mas colligi e communiquei factos tão importantes quanto bastão para pensar que a academin de vera animar as investigações sobre o magnetismo, como ramo muito curioso de psychologia e historia natural.

Nesse mesmo anno appareceu uma obra do doutor Bertrand, intitulada do magnetismo animal em Franca, obra conscienciosa e notavel, e que fez alguma impressão.

Em 1837, a academia de medicina organou uma nova commissão para examinar uma somnambula dirigida pelo doutor Berna. Este medico havia-se obrigado a fazer em presença da commissão as seguintes experiencias: — insensibilidade completa de um membro provocada pelo magnetismo; — restituição pela vontade da sensibilidade a este membro; — obediencia á ordem mental de perder o movimento; — obediencia á ordem mental de cessar de responder no meio de uma conversação.

Fizerão-se as experiencias, que não satisfizerão a commissão: M. Berna soffreu uma derrota que attribuiu ao concurso de circumstancias oppostas á influencia magnetica.

Depois desta sessão, o doutor Burdin, para pôr termo a todas as incertezas acerca do magnetismo, propoz

um premio de tres mil francos á somnambula que llesse sem o soccorro dos olhos, ou que offerecesse o que se chama a transposição dos sentidos.

Logo que foi publico o premio Burdin e as condições requeridas para obtel-o, apresentaro-se os seisso-guintes pretendentes.

- 1.º Biermann, medico da corte de Hannover;
2.º Hublier, medico, do hospital de Provins;
3.º O Dr. Bergeren;
4.º Ricard, magnetizador em Bordeaux, não medico;

5.º Despine, medico inspector dos banhos d'Aix, na Saboia;

6.º O Dr. Pigeaire, cuja somnambula havia admirado a cidade de Montpellier, e que além disto se recommendava pelos processos verbaes muito confirmativos de M. Lordat, decano da faculdade de Montpellier.

Nenhum destes concurrentes, na opinião da academia, satisfez ás provas exigidas, e o premio Burdin ficou por dar.

De 1840 para cá, tem se reproduzido uma multidão de folhetos sobre o magnetismo, e outros tantos magnetisadores, e magnetisados. Em presença desses escriptos e dos phenomenos extraordinarios offerecidos todos os dias pelas somnambulas, os professores da faculdade de Paris tem-se visto obrigados a confessar que o magnetismo apresentava alguns phenomenos geraes da competencia da physiologia; que sob este ponto de vista, elle entrava no dominio da sciencia, e merecia ser estudado.

Alguns medicos francezes tem tentado applicar o magnetismo ao tratamento de certas molestias; infelizmente o numero dos medicos que se servem do magnetismo como meio curativo, é infinitamente pequeno em comparação do das pessoas estranhas á arte de curar, que delle fazem objecto de especulação.

Mas os escandalos do charlatanismo não poderião destruir a existencia do magnetismo. Condemnado algumas vezes, mas nunca sem appellação; admitido e proclamado de novo por muitas vezes, porém já mais com sufficiente demonstração, vai para mais de 60 annos que elle vive entre nós. É verdade que longas remissões de zelo e interesse tem soffrido; mas para logo se reanima por vivas demonstrações de curiosidade. Esta existencia já inaudita, em tempo em que tão pouco vivem as coisas, não é o facto de um erro grosseiro; dia virá sem duvida em que a sciencia o adoptará completamente, depois de o haver purificado de todos os erros que ainda o obscurecem. (Siècle.)

EXTERIOR.

PORTUGAL.

Lisboa, 11 de fevereiro.

Hoje terminou o discurso do Sr. conde de Thomar na camera dos Pares; este discurso é notavel pelo homem que o pronunciou, e pela sua muita significação politica.

Não houve sofisma a que o orador não recorresse, para cubrir a sua falta de razões; e hoje, perdendo essa pouca moderação que mostrara no principio deste discurso, foi sempre vehemente, sempre irritado e colerico, ameaçou, lançou um sem numero de invectivas contra os seus contrarios, revolveu o passado ainda o mais remoto para denegrir a reputação politica e moral

vasta, pequena para a multidão que a pejava.

O jogo, a dança e a musica exercião ali o seu imperio em salas diversas, e sobre vassallos diferentes.

Aquelles a quem a idade ou o estado affastava do amor, e enfim os poucos de todas as idades e estados que erão escravos da mais terrivel paixão, prestavam vassallagem ao jogo.

Os outros todos corrião para as salas de dança e musica: lá estava a mulher.

Havião sobre cem ainda muitas senhoras.

O estrangeiro curvava-se gostoso sob o poder dessas vistas ardentes jogadas pelos olhos negros das Brasileiras; ali o Arabe lembraria baixinho suas canções aos olhos das gazellas...

Mas no meio dessas mulheres todas entre mais de cincoenta virgens bellas em todo fulgor de verdes annos, com todo interesse de sua intacta pureza, de sua quasi angelica innocencia, ainda assim levantava sua cabeça de rainha uma senhora, que era já casada, e que não se podia dizer menina como ellas.

Alta, elegante, extremamente bemfeita, de cabellos e olhos negros, cõr morena, labios grossos e bellos dentes, ostentava uma belleza especial: havia em seus modos uma mistura de segurança e nobreza, que impunha respeito e admiração; de voluptuosidade e ardor, que desafiava lascivos desejos: era uma belleza como que selvagem e perigosa: essa mulher tinha sobre tudo um olhar insolente, uma voz melodiosa, e um andar provocador.

Trazia ella os cabellos primorosamente penteados e ornados com uma preciosa borbueta de brillantes; rosetas das mesmas pedras nas orelhas, e o collo cõr de jumbo nu, para melhor ostentar sua perfeição: seu vestido era de seda cõr de Izabel, e adivinhava-se enfim dois pequenos pés presos em sapatinhos de setim: tinha na mão direita um ramalhete de violetas, e na gola do vestido mesmo

de homens conhecidos no paiz por honestos, e se por vezes se cobriu com uma falsa brandura, foi para cravar mais fundo nas suas victimas o punhal envenenado; e apesar de tudo deixou no fim sem resposta todas as accusações, que tinham sido feitas á sua administração. Não só não respondeu aos argumentos dos seus adversarios, mas nem mesmo destruiu as accusações severas e officiaes, que lho foram feitas, por esses, que hoje se achão ligados ao seu partido, em maio e em outubro de 1846.

O Sr. conde de Thomar, com uma estrategia, que prova muito em favor da sua arte de argumentar, buscou ter sempre presas as attentões sobre os erros dos outros, para se não ver obrigado a explicar os seus.

Nós achamos justo, que o Sr. conde de Thomar ataque os seus adversarios, mas desejávamos que esse ataque não fosse feito com tanta violencia, que o raciocinio não fosse tanta vez substituido pelos rugidos da colera. A luta das invectivas é uma luta perigosa, porque obscurece o entendimento irritando as paixões, e porque depois de empenhada pôde ir, e por ventura tem ido já muito, além do que comporta a dignidade de um parlamento, e o respeito que se deve a individuos que a opinião publica justamente acata.

O Sr. conde de Thomar é valente no ataque, e sabe aproveitar as circumstancias em que uma situação especial collocou os seus adversarios, para sobre elles descarregar golpe sobre golpe, solisma sobre solisma, invectiva sobre invectiva; e nem poupar mesmo a honra de homens que o paiz inteiro sabe que são honrados.

As circumstancias, em que se achou esse ministerio servirão-lhe de irritação; e entre tanto as circumstancias são omnipotentes e não podem deixar de ser attendidas, quando se quer governar as nações. A não ser nas circumstancias, onde irri o Sr. conde de Thomar buscar desculpa para essas leis do sangue, atrozes, barbaras, horribes, que no tempo da sua administração foram promulgadas? onde irri buscar desculpa para tantos actos arbitrarios, tantos attentados contra a lei que nesse tempo se praticarão?

É oesusado repetir a historia do ministerio de maio, e sobre tudo a historia da sua origem; todos a sabem, e ainda ha pouco um digno par a fez perfeita e cheia de verdade: uma coisa não deixa em duvida aquella historia, e é que esse ministerio tinha a lutar com difficuldades sem numero, que ceder a exigencias imperiosas, e fazer muita coisa contraria talvez ao seu desejo, para não ver de novo irritada a colera do povo, que elle tinha por missão socegar. Estava pois esse ministerio na dura necessidade de se curvar ás circumstancias, e de ceder a ellas todas as vezes que lhe não podesse resistir. Não é pois de um politico, que deve conhecer a historia, e ter nella estudado a indole dos povos e os deveres dos governos, o estranhar que uma administração fizesse actos que a situação della exigia, e sobre tudo tirar disso uma origem de censuras tão graves, e tão pouco delicadas como as que fez ao ministerio de maio o Sr. conde de Thomar.

Os erros daquelle administração não justificação de nenhum modo os do Sr. conde de Thomar: o estado das coisas, antes e depois da revolução do Minho, era absolutamente diverso. Antes, o paiz subjugado por uma força que o opprimia, por autoridades arbitrarías e exigentes, obedecia humilde e escravizado a um governo, que tudo seria, menos constitucional: depois da revolução, o paiz, sacudido o jugo, lançava-se cego e ardente nos excessos da liberdade, que elle estava sequioso de gozar. Os deveres das administrações, que governavão nas duas épocas, erão tambem diversos.

A administração do Sr. conde de Thomar cumpria

junto da axilla, um cravo rajado, que exprimia um não sei que de provocadora graça

Não era uma incognita: a assemblea toda conhecia o seu nome e respeitava-o: tão encantadora como honesta contentavão-se com admiral-a.

Formára-se defronte, mas um pouco longe della, um circulo de mancebos que fazião por mil maneiras o seu elogio: depois de haverem discutido e concedido a corda de rainha daquelle festa á bella senhora:

— E' um homem verdadeiramente feliz, disse um delles, o marido de uma tal mulher.

— Feliz por todas as razões, acrescentou um segundo

— Como por todas as razões?... perguntou terceiro mancebo.

— Oh! pois será preciso explicar-me?...

— Bem entendido, se for de sua vontade.

— Pois bem: feliz porque possui uma mulher formosa.

— Convenho.

— Dotada de bastante espirito.

— Tenho ouvido dizer.

— Que é fiel aos laços que a ligão.

— Devo crel-o.

— Que ama a seu marido exclusivamente.

— Quem sabe?...

— Agora, meu charo, sou eu que tenho o direito de pedir explicações.

— Estou prompto para dal-as.

— Vamos pois.

— Digo que estou fatigado de ouvir fallar na pureza e lealdade daquelle senhora: oh!.. chamarm-lhe dissoluto... dirão que tenho a moral pervertida... pôde ser; mas confesso que no ostracismo de Aristides votaria como o camponez que o desterava por se aclar cançado de ouvil-o chamar — o justo.

ensinar a nação a ser livre em vez de a opprimir; fazer melhoramentos reaes, em vez de especulações, governar constitucionalmente, em vez de estar todos os dias a violar a Carta, ora promulgando leis sem consentimento do parlamento, ora sofismando os principios, ora fazendo violentamente eleições, ora quebrando o respeito que se deve aos direitos dos cidadãos; a essa administração cumpria moralisar o povo, instruil-o, enriquecel-o, civilisal-o. Teve quatro annos de paz, teve força, teve maiorias no parlamento, e com tudo nada fez de duradouro. Houverão alguns melhoramentos fantasmagoricos, uma riqueza apparente, algumas leis uteis se fossem executadas com boa fé: mas tudo isso desapareceu ao primento sopro de uma tempestade revolucionaria; porque assentava em bases frageis e quebradiças. Passarão quatro annos de paz, e o povo ficou tão rude e ignorante como dantes ora; e o clero ficou com seminarios em projecto; e apenas algumas leguas de estradas se construírão á custa de grandes sacrificios; e as eleições ficarão como dantes sem ter uma lei boa para as reger; e a agricultura não prosperou, nem para ella se creou uma só escola; e o exercito não recebeu as reformas, de que absolutamente carece; e as finanças ficarão complicadas, e o thesouro sobrecarregado de uma divida enorme; e finalmente os ministros que por tanto tempo governarão o paiz, ficarão com grande descredito; quando se cumprissem os seus deveres, devião sem nenhuma divida ter merecido e alcançado as sympathias e o amor de todos os Portuguezes—porque os Portuguezes não são ingratos.

A administração de maio de 1846, cumpria acalmar os animos irritados, restabelecer a paz, e encaminhar pela boa estrada o paiz que começava — como acontece sempre depois de um grande abalo — a desviar e a perder-se. Este trabalho era sufficiente para occupar todas as horas da sua existencia; em quanto esta tarefa não estivesse concluida, elle não se podia empenhar em nenhuma outra. Errou, porque tinha de fazer um rude trabalho; mas não é de o defender que nós nos occupamos agora; considerando pois a situação das duas administrações, vê-se claramente que, todas as vezes que para sua justificação, o Sr. conde de Thomar fez a comparação dos seus actos com os que praticarão os seus contrarios, o argumento não colheu, e nenhuma força teve, antes lhe foi desvantajoso.

Ora é justamente da comparação, que o Sr. conde de Thomar tirou todos os seus argumentos; a sua defeza consistiu no ataque, — nem sempre justo, nem sempre comedido e decente — que elle dirigiu aos seus contrarios.

Quando o ataque, quando a comparação era impossivel, o ex-ministro, contentou-se com a simples negação. Para bater os adversarios soube trazer os documentos, mesmo os mais futeis; para tornar indubitavel a sua pureza, não teve nem um só documento.

Julgamos natural, repetimos, que o Sr. conde de Thomar, atacasse os seus adversarios; mas era mais natural ainda que começasse pela propria defeza; não basta dizer que foi o anjo tutelar deste paiz; é indispensavel provar-o.

Se se tirarem do longo discurso do Sr. conde de Thomar, os argumentos ad hominem, as allusões pessoais, e os felizes sofismas, com que elle soube com incontestavel subtileza atacar os seus adversarios; o que resta?

Haverá ali outra coisa em defeza do nobre conde, a não ser um fôfo e infundado panegyrico da sua administração?

Haverá alli uma analyse profunda, um estudo politico e sincero da historia dos quatro annos em que elle governou o paiz?

— Com effeito!...

— E ainda mais: eu respeito muito as leis da natureza: creio firmemente que todos podemos ser escravos do erro, e que por tanto se a interessante senhora, que segundo creio, faz parte do genero humano, ainda não errou, pôde errar.

— Mas ao menos ainda não errou.

— Dá-me ás vezes vontade de tentar... ou daria metade da minha riqueza para ser uma verdadeira tentação!

Alguns sorrisos applaudirão o leviano mancebo; um só dos que estavam no circulo moveu-se com sentimento de reprobvação, e disse:

— Senhor, sou amigo do marido da senhora de quem se trata, e me penalisa que com tanta ligeireza se falle della em minha presença.

— Mas, meu Deos, n'ninguem a offendeu aqui; eu fallei sómente no respeito que se deve ás leis da natureza.

— Uma vida pura, Senhor; um comportamento illibado, merece alguma consideração: é uma mulher encantadora, convenho, n'ninguem contudo ousa lançar-lhe em rosto a mais passageira levandade, nem a menor tendencia para o galanteio: se tem algum crime, é o de ser bella.

— Devia ter mais uma virtude.

— E qual?...

— A de se deixar amar.

— Senhor, vejo que cumpre retirar-me: defronte um do outro por mais tempo poderíamos perturbar o prazer e harmonia desta assemblea; porque eu respeito a amizade, e o Senhor insulta uma mulher, por saber que as mulheres não se vingão.

Dizendo assim o mancebo travou do braço de um amigo e retirou-se para o fundo de outra sala.

(Continua.)

FOLHETIM DO CORREIO MERCANTIL

OS DOUS AMORES.

PELO

Dr. J. M. de Macedo.

VII.

Uma hora de vida passada. (\*)

Conceda-se agora um olhar sobre o passado... Era uma dessas bellas noites de inverno dos países tropicaes, onde, para vencer o frio, é de sobra o movimento e a lá.

A cidade do Rio de Janeiro estava em suas horas de poesia: a modesta fada do valle tinha sobre sua cabeça a lua cheia e graciosa que a inundava de luz; o orvalho nocturno molhava-lhe as tranças; em redor della animava-se a sua natureza opulenta e variada; e a seus pés dormia tranquillo, ressonando apenas, seu mar de aguas verde-claras, que simulava então um lago de perillamos.

A natureza estava em festa: os homens tinham tambem a sua.

Ouvia-se o ruido de um sarão; mas não era no centro da alegre cidade, era no mais mimoso de seus arrebaldes.

O que havia de mais bello, de mais primoroso e rico na cidade do Rio de Janeiro, tanto pessoal como material, se achava reunido em uma elegante casa no Bota-fogo: dava-se esplendida festa; importava pouco conhecer a origem della: o essencial é saber que havia uma festa.

A casa brillantemente illuminada, ostentando riqueza immensa e luxo desmedido, era, apesar de

(\*) Vide o Correio Mercantil n. 83.

Haverá um documento ou um argumento, que o justifique?

Haverá algumas dessas idéas luminosas, que caracterisem um bom politico?

Haverá uma homenagem prestada aos bons principios constitucionaes?

Não.

No discurso do Sr. conde de Thomar pode aclarar-se a prova de que S. Ex.ª possui um vigoroso talento para a argumentação, uma tenacidade immensa, paixões ardentes, e odios invencíveis e profundos: mas de certo se não acha a sua justificação.

E' essa que a nação exige; e' essa que o Sr. conde de Thomar tem obrigação de dar, bem clara, bem incontestavel, se respeita a sua propria honra.

Negar, não é provar.

Atacar os adversarios, não é defender-se.

Inventivas, não são razões.

Os factos são patentes, os factos fallão bem alto e preciso ser explicados: senão, a historia fará justiça: E a nação tambem.

(O Lusitano.)

INTERIOR.

RIO GRANDE.

No sabbado 4 do corrente, o Exm. Sr. vice-presidente da provincia, ao meio dia (hora aprazada), foi ao passo da assemblea provincial, e ali, depois de preenchidas todas as formalidades do estylo, leu a falla que publicamos, ficando assim aberta a primeira sessão da 3.ª legislatura provincial. Os escolhidos da provincia desde então entrarão no exercicio de sua missão: se só o espirito de ordem e o desejo de melhorar a sorte da provincia presidir seus actos, certamente que ella obterá de seus presentes trabalhos, providencias de que muito carece para seu engrandecimento e felicidade de seus habitantes: se porém levados de satânico empenho quizerem perturbar a benigna paz de que gozamos, só com o intuito de satisfazer mesquinhas e ignobéis paixões, e dest'arte de novo lançar o germen da desordem entre os filhos desta tão importante provincia do imperio, a maldição de Deos caia sobre as suas cabeças, e os nomes dos que assim procederem sejam sellados com o ferrete da ignominia, para nunca mais entrarem nas urnas eleitoraes, como indignos de merecer os suffragios de seus concidadãos.

Nós nos queremos convencer de que nenhum haverá que queira merecer o anathema, que precisamente será lançado sobre esse que se lembrar do atear o facho da discordia, que ainda ha pouco foi apagado, tendo antes exterminado centenas de vidas e immensas fortunas. Faremos pois votos para que Deos os illumine a fim de que a paz, a razão e o interesse publico presidão os seus trabalhos.

(Do Argos.)

EXTRACTO DE UMA CARTA DE BAGE, DATADA DE 21 DO PASSADO.

A fronteira está em paz, e o nosso general activo e zeloso como é, nada tem poupado para que se mantenha a mais restricta neutralidade conforme as determinações do governo imperial. Eu disse que a fronteira estava em paz, mas não quero com isso dizer, que os nossos vizinhos não continuão a maltratar os cidadãos brasileiros, que ali residem, e a destruir suas propriedades. Apesar dessa vergonhosa neutralidade, ainda não temos merecido o favor de nos tratarem com o mesmo respeito que elles são aqui tratados. Ainda ha poucos dias, o celebre Tristão Azambuja, um dos famosos capitães de Oribe, destacado em Jaguary, mandou dar 500 açoites, e depois pôr em ferros a um Brasileiro chamado Candido, capataz de uma estancia, só pelo grande crime de não consentir promptamente, que a sua gente roubasse os gados dessa estancia, quero dizer, levantasse esses gados por ordem de seu feroz caudillo! O Americo, genro do finado Antonio Martins, achava-se tambem preso em ferros, sem duvida pelo mesmo crime! de maneira, meu amigo, que ser Brasileiro nos dominios da Republica Oriental, é um titulo para se exercer contra elle toda a casta de atrocidades, salvo algum pobre que para ir vivendo soffre em silencio todos esses desafors. Neste estado de coisas ninguém ousa quixar-se, porque é logo victima; e no entanto nós pagamos esses máus tratos com a decantada neutralidade! que nos cobre de ridiculo e de vergonha. Das estancias levantão-se os gados, suspendem-se as marcações, sem pagar-se a seus donos, nem dar-se-lhes a menor satisfação. Enfim, meu amigo, fazem tudo quanto querem, porque não temos um governo forte, que nos proteja, nem deputados que levem á tribuna os males que soffrem seus compatriotas, para que os poderes supremos tomem as medidas que exigem a segurança de tantos infelizes expostos a brutalidades desses vorugos dos Brasileiros.

(Do Noticiador.)

SANTA CATHARINA.

RELATORIO QUE O PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA APRESENTOU Á ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL NA ABERTURA DA SUA SESSÃO ORDINARIA EM O 1.º DE MARÇO DE 1848.

(Continuado do n. 84.)

OBRAS PUBLICAS.

O governo imperial mandou despender neste anno financeiro com as estradas geraes desta provincia, 20.000 rs.; a saber: quatro com a estrada que do Rio Grande atravessa o districto de Lages a S. Paulo, que está encarregada ao major Antonio Saturnino de Souza e Oliveira; oito com a de S. Francisco á Curitiba, a cargo do tenente coronel graduado Joao Francisco Barreto; seis contos com a nova á Boa Vista e Trombudo para Lages, sempre a cargo do coronel Joaquim Xavier Neves; e dous contos com a do littoral, e que se tem empregado em varios pontos.

A nova capella do cemiterio, estando a sua obra parada por alguns annos, estava muito arruinada; e preciso foi fazer de novo muitas coisas; é indispensavel que seja acabada.

O matadouro foi preciso construir de novo, e de

pedra e cal; está bem acabado, e será de longa duração.

A obra do grande edificio das Caldas da Imperatriz, está muito adiantada: o que está feito, é metade do plano, e póde accommodar ja até quarenta enfermos; os quartos são espaçosos e elegantes; mandei encomendar e breve chegarão da Italia seis banheiros de marmore; entretanto o tanque e passadigo coberto de telha, já offerecem aos enfermos muita commodidade.

O coronel de engenheiros Patrio Antonio de Sepulveda Everard, e o commendador Marcos Antonio da Silva Mafra, que servia de thesoureiro, são dignos de louvor pelo muito que me tem ajudado ha tantos annos nesta empreza: as despesas que ali se fazem, mesmo as mais miudas, são de meu conhecimento: só a que se fez com transportes de generos, e casca para cal da cidade por mar e pelo rio o anno passado, montou a 765.7640 rs., pagos a Meleiros Rosa, que não lucrrou muito, pois que rio acima dá insano trabalho similhante transporte. O commendador Mafra tantas vezes calunniado e injuriado, quantas tem sollicitado ser exonerado do emprego de thesoureiro, até que annui ao seu pedido: entretanto continua a supprir com o seu dinheiro para o custo do hospital das Caldas até que corra a 3.ª loteria; e isto tem elle feito muitas vezes.

OBJECTOS DIVERSOS.

Communico-vos que as despesas com a effigie de S. M. o Imperador, e com o arcaio desta casa que serve para vossas sessões, forão feitas pela rubrica das eventuaes.

Tem-se estabelecido ha quatorze mezes a esta parte na colonia de Santa Izabel 150 individuos Allemaes; e nas terras nacionaes da Piedade 130: esta gente tem recebido alimentos pelos cofres publicos, que serão indemnizados: é de bons costumes, muito trabalhadora, e está contente.

A illuminação da cidade não póde ser feita a gaz por muito mau e escasso: continua com azeite.

A população desta provincia, em minha opinião, baseada em muitas informações, e na propria experiencia, deve exceder a cem mil habitantes: a relacionada chega a oitenta mil; mas por uma parte immensos moradores habitão logares remotos, e se estendem por esses sertões em direcções onde não podem chegar os inspectores de quarteiros para tomar a rol, por outra cada um cuida de occultar a sua familia e aggregados.

A receita provincial, que ora excede a 80.000 rs. deve subir além de 100.000 rs., sem augmentar impostos, e memo até diminuindo alguns, como vou propôr. É porém de absoluta necessidade, Senhores, que a arrecadação se possa realizar; e é aqui que me esforço em chamar a vossa attenção sobre a leitura do officio, que vos será presente, do provedor da fazenda provincial, de 17 de janeiro do corrente: eu me conformo com as providencias que elle sollicita, e espero sejam postas em execução: será quanto basta para augmentar consideravelmente a receita.

Quanto aos impostos que entendo devem ser abolidos, são: o de 400 rs. dos animaes eróidos de Lages que pagão o dizimo de exportação, que monta, mais ou menos, a 1.7000 rs.; e por isso na concorrência com os do Sul são estes preferidos no mercado, por não terem tanto onus e serem de melhor qualidade: esta arrecadação chega a 360.7900 annuaes. O imposto sobre caixeiros estrangeiros, que nada tem produzido. O imposto sobre lojas, armazens, etc., etc., estrangeiros, que tem rendido 1.800.7000 rs.; porém são tantas as questões, opposições, e muitas vezes com descomedimento dos que tem de pagar, que outras tantas tem sido o governo imperial molestado com reclamações diplomaticas. E' de mais interesse que seja o imposto nivelado pelo que pagão os nacionaes; assim está em pratica nas outras provincias do imperio.

Convém tambem que acabe o imposto de 5 rs. sobre cada escravo que sahe da provincia, e que tem rendido 50 rs. annuaes: eu proporia o premio de 10 rs. réis para o proprietario de cada escravo que fosse vendido para fora da provincia para cá nunca mais voltar; e se voltar, pagar quem o conduzir 200 rs. de multa. Aproveitarei esta oportunidade para lembrar minha antiga opinião a respeito do imposto, que já foi abolido, de 20 rs. por cada escravo que viesse de novo para a provincia, mas eu proponho que seja 40 rs. por cada escravo que de novo vier para a provincia, exceptuando os que vierem em companhia de seus senhores ou em serviço publico, ou para se demorarem até um anno: nem uns nem outros se poderão vender sem pagar o imposto; e se o fizerem pagarão uma multa de 200 rs., entre o vendedor e comprador, e na falta de um delles o que se achar na provincia. Os capitães ou mestros das embarcações que não declararem os nomes dos senhores dos escravos que conduzirem, e os que de novo admitirem ao serviço do navio, e os que forem despedidos, serão multados em 200 rs.: igual multa pagará o senhor do escravo que o tiver introduzido na provincia sem pagar o imposto dentro de oito dias. Estes impostos e multas, porém, não serão arrecadados senão de janeiro de 1849 em diante.

Senhores, a escravatura da provincia ainda alcança a 14.000 individuos: se se não pôde, não se quer, ou ainda não é tempo de acabar com ella, é porém licito, e como medida preventiva de salvação, pôr-lhe peás para que não augmente, e principalmente com facinorosos, matadores, embriagados e ladrões, que para aqui mandão de toda a parte. Tremo pelo Brasil enquanto houver um escravo!

Senhores, se as rendas da provincia puderem ser bem arrecadadas, como já vos disse, deve exceder a 100.000 rs., entretanto eu tenho orçado a despesa em 80.000 rs. No quadro que vos apresento dessa despesa, menciono a que é de absoluta necessidade na importancia de 72.003 rs.: ficão ainda 7.997 rs. réis para serem distribuidos pelas camaras, e em mais obras ou objectos que forem de vossa vontade; e se algumas providencias forem tomadas sobre a fiscalisação das rendas, podeis dispor de maior quantia.

Concluo, senhores, e com satisfação cheio de esperanças, apresentando-vos em copia o aviso circular que me foi enviado pelo Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, presidente do conselho dos ministros, em data de 24 de agosto do anno passado, assim como o officio de 15 de setembro do mesmo anno, em resposta. Com a leitura daquelle importante documento, cujas sublimes idéas e pensamentos sem duvida serao abraçados por esta assemblea legislativa provincial, eu vos convido e exhorto a fazermos votos sinceros, e a coadjuvarmos o

governo imperial, para que sejam realisadas todas essas reformas e organizações tão reclamadas pelo paiz e recommendadas por S. M. o Imperador.

Se não tenho cabedal scientifico e administrativo que alicie grande desenvolvimento de prosperidade a esta provincia que tenho a elevada honra de administrar ha perto de oito annos, senhores, ella achará em vós todos os recursos; o ninguém contestará que me faltem bons desejos pelo seu engrandecimento, e pelo bem estar do povo Catharinense, bem digno de um melhor administrador, que faça mui feliz esta gente, de quem me separarei agradecido e penetrado de sincera e viva saudade.

Cidade do Desterro, em o 1º de março de 1848. Antero José Ferreira de Brito.

GRATULAÇÃO DA ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SANTA CATHARINA AO EXM. PRESIDENTE DA PROVINCIA O SR. CONSELHEIRO MARECHAL DE CAMPO ANTERO JOSÉ FERREIRA DE BRITO.

Illm. e Exm. Sr. — A assemblea legislativa provincial, interprete fiel dos sentimentos dos Catharinenses, faltaria a seus deveres, se, logo no começo de seus trabalhos, deixasse de render a V. Ex., da maneira a mais solenne, seus mais puros e cordiaes agradecimentos pela conducta verdadeiramente constitucional, com que V. Ex. se houve na crise e processo das recentes eleições! Por isso, e conscia a assemblea do quanto seus constituintes estão penhorados pelo serviço relevante, que approvou a V. Ex. fazer-lhes, providenciando por todos os modos para que o voto de cada um fosse tão livre e espontaneo, como o estabeleceu a lei fundamental, e o reclamão os interesses do estado; delibou agradecer, como por este agradeço a V. Ex., em seu nome, e no de todos os Catharinenses, a sollicitude, que V. Ex. desenvolveu, e as medidas que tão sabiamente combinou, áfim de que as eleições principiassem, e se ultimassem, como principiarão, e se ultimarão, sem o menor desgastado, mas antes revestidas de todas as solemnidades exigidas pela lei, e portanto com a maior legalidade!

Este facto, Exm. Sr., quando dois partidos se disputavam a primazia de seus candidatos, é, talvez, o unico na historia eleitoral do Brasil, e que estava reservado para augmentar a gloria e o brilho da administração de V. Ex. nesta provincia, a gloria e o brilho da moralidade, e do caracter livre dos Catharinenses que tem hoje a ufania (graças a V. Ex.) de serem representados na camara temporaria da assemblea geral, e na assemblea provincial por cidadãos de sua livre escolha e confiança!

Illm. e Exm. Sr.: preenchendo este dever de gratidão, a assemblea legislativa desta provincia affiança a V. Ex. que na mesma assemblea achará V. Ex. sempre toda a cooperação, na orbita de suas attribuições, para o andamento dos negocios publicos, para a paz, tranquillidade, augmento e prosperidade da provincia, que toda faz votos pela continuação da illustrada e justiceira administração de V. Ex., que por oito annos tão vantajosa tem sido á mesma provincia.

Deos guarde a V. Ex. — Paço da assemblea legislativa provincial de Santa Catharina, 10 de março de 1848. — Illm. e Exm. Sr. marechal de campo Antero José Ferreira de Brito, presidente desta provincia. — Severo Amorim do Valle, presidente. — Silverio Candido de Faria, 1.º secretario. — Francisco Honorato Cidade, 2.º secretario.

RESPOSTA DE SUA EXCELLENCIA.

Illm. e Ex. Sr. — Pelo officio que, em nome da assemblea legislativa provincial, V. Ex. me dirigio em data de hontem, fiquei como surprehendido e mesmo vexado em vista de uma tão immerita manifestação que a mesma assemblea faz pelos meus serviços empregados ha perto de oito annos na administração desta provincia. Tenho procurado sempre cumprir as leis do nosso paiz; e na luta eleitoral cingime, e executei quanto pude essas leis e as ordens do governo imperial, ajudado e segundado pelas principaes autoridades; a estas ordens e á moralidade proverbial dos Catharinenses, devemos o não apparecer o menor disturbio que ameaçasse a tranquillidade publica, e tambem porque tiverão toda a liberdade nas votações. O governo imperial applaudirá que um delegado de sua confiança seja tão sinceramente victoriado pela assemblea legislativa provincial de Santa Catharina, a quem, por via de V. Ex., tenho a honra de apresentar o mais profundo respeito e reconhecimento pelas distincções com que me trata, e a que desejo corresponder com toda a lealdade, ajudando-a com o meu pequeno contingente em seus trabalhos legislativos, fazendo votos para que consiga muitos bens para a provincia, e o bem estar dos Catharinenses.

Deos guarde a V. Ex. — Palacio do governo de Santa Catharina, 11 de março de 1848. — Illm. e Exm. Sr. Severo Amorim do Valle, presidente da assemblea legislativa provincial. — O presidente, Antero José Ferreira de Brito.

Os dois ultimos artigos sobre Bancos, forão publicados por engano como seguimento do ultimo do Correio Mercantil n. 66, pois o que se devia seguir é o que agora se publica: fazemos esta observação para que estes artigos, que julgamos de summo interesse, sejam lidos com attenção e gosto, e não pareçam portanto destacados.

BANCOS.

Continuaremos ainda neste artigo a considerar os effeitos do credito, sobre que já tratamos no anterior. O systema dos adiantamentos mutuos é susceptivel de extensão quasi indefinida. Quando o capitalista empresta seus fundos ao commercio, os não empresta mais do que uma vez: da mesma sorte os creditos que elle pode conceder são limitados como sua fortuna; mas os creditos entre produtores não tem limites, porque a materia se renova constantemente com a produção. Se com effeito se suppõe que o industrioso que faz vendas á credito a outro, tem a facilidade de recuperar immediatamente os seus fundos, negociando os effeitos que recebe em troca, poderá tirar dos proprios adiantamentos que fez os meios de fazel-os ainda maiores no dia seguinte. Não fica limitado pela extensão do seu proprio capital, por quanto este se reconstitue sem cessar augmentando-se cada vez mais com a somma dos beneficios. Neste sentido pois, não ha limites

aos avanços que o industrioso pode fazer; tem o poder de estendel-os e multiplical-os sem termo, e quanto mais os multiplicar, crescerão na mesma razão os seus meios de multiplical-os.

Nada mais simples do que estas premissas; e nada tambem mais legitimo do que as consequencias tão largas que dellas se podem tirar. Bastarnos-ão ellas para fazer sentir todas as vantagens que provém do exercicio do credito, se não fossem infelizmente obscurecidas ou alteradas, quer pelos prejuizos do mundo, quer pelas falsas indirações da sciencia. Voltemos pois a objecção dos economistas que nos servirá para melhor explicar este mecanismo.

« O credito, diz J. B. Say, não é capital, isto quer dizer, se a pessoa que pede emprestado para empregar productivamente o valor emprestado adquire por isso o uso de um capital, por outro lado a pessoa que o empresta se priva do uso desse mesmo capital. » Daqui conclue J. B. Say com apparencia de razão, que o exercicio do credito apenas opera a deslocação, e não obtem em substancia mais do que mediocres vantagens. E' isto que nos cumpre examinar.

Pela leitura do que temos escripto, vê-se logo que J. B. Say não considere no grande phenomeno do credito mais do que o unico caso do emprestimo feito ao industrioso pelo capitalista. Seguiu o erro commum, que parece subordinar tudo a este unico facto. Acabamos de vêr que é este o caso menos geral, o menos interessante e o menos digno de ser observado. Na hypothese em que se colloca é mui verdadeiro que o capitalista que empresta se priva do uso do capital emprestado. Elle mesmo poderia empregar-o a formar certo estabelecimento, a fazer expedições longinquas, a especular sobre mercadorias, a descontar; renuncia este uso do capital, para delle fazer gosar o mutuario. Vê-se bem que então não ha crescimento, mas unicamente deslocação de capital; o que é ganho por um lado fica evidentemente perdido por outro, e o mais que se pode dizer com J. B. Say em favor desta deslocação é que o industrioso que recebe o capital emprestado saberá provavelmente fazel-o valer um pouco melhor do que o teria feito o seu dono. Mas tudo muda quando se considera o credito onde está o seu verdadeiro assento, nos adiantamentos mutuos dos produtores. O que um productor adianta a outro não são capitães; são productos, e mercadorias. Estes productos, e estas mercadorias poderão vir a ser, e o serão sem duvida nas mãos do empregador, capitães activos, em outros termos, instrumentos do trabalho; mas não são actualmente nas mãos do seu possuidor, mais do que productos á venda, e portanto inactivos. Dahi nasce uma differença sensivel de um a outro caso, differença tal que destrue todos os dados do problema.

Se queremos tomar conta dos effeitos magicos do credito, devemos sempre distinguir com cuidado nos objectos que constituem a riqueza de um povo, o que é producto ou mercadoria do que é agente de trabalho ou capital productivo. Todos estes objectos são confundidos muitas vezes debaixo da denominação commum de capitães. Haverá razão quando apenas se pretenda fazer o balanço de um estado, porque toda a mercadoria é capital, todo o capital é mercadoria, e tudo isto faz indistinctamente parte das fortunas particulares e da riqueza publica; mas quando se considera o poder productivo, muda de figura, é outra coisa. Em quanto um objecto está nas mãos de quem o produziu, só é mercadoria, e capital se se quizer, mas capital inactivo, e inerte. Para o industrioso que o detem, longe de trazer-lhe vantagem, é um fardo, uma causa incessante de embaraço, de gastos inuteis e perdas: gastos de almazem, de conservação e de guarda, interesses de fundos, e outros mais, sem contar a quebra, ou escoamento que quasi sempre as mercadorias soffrem quando estão por muito tempo em inacção. Saíão pois estes objectos dos almazens por uma venda a credito, poder-se-ha dizer que elle se priva do seu uso? Não, porque de nenhuma utilidade mais lhe servem senão para vendel-os. Bem longe disso, nada mais fará do que desembaraçar-se de um fardo inutil. E entretanto, se suppozermos que estes productos passão de seus almazens, onde dormem, para os de outro industrioso, que os poderá applicar ao genero do trabalho que lhe é proprio, de mercadoria inerte que era, se tornarão para este ultimo um capital activo. Haverá aqui pois capital productivo de um lado sem alguma diminuição do outro. Ainda mais: se admitirmos, como sempre o fazemos, que o vendedor, dando suas fazendas a credito, tenha comtudo recebido em troca bilhetes que ficão a seu arbitrio para negocial-os immediatamente, não é claro que elle adquire por isso mesmo o meio de renovar por sua vez as materias primas e seus instrumentos do trabalho para de novo entrar em obra? Ha pois o dobrado crescimento do capital productivo, em outros termos, poder adquirido de dous lados, e não é o vendedor ou o prestor que menos lucra nesta operação.

Parece comtudo que ha alguma coisa de paradoxal em pretender que, pelo unico effeito do credito, cada um se ache ou mais rico ou melhor provido do que d'antes; porque emfim estes valores excedentes que entregamos tão liberalmente ás mãos de todos, donde sahem? E' o credito quem os produziu? O credito, ser moral, póde crear alguma cousa, dar-lhe nascimento? Se nada cria, póde fazer outra coisa do que deslocar os capitães? Em que sentido caber-lhe-hia augmentar qualquer coisa os recursos particulares ou a fortuna publica? Eis-aqui a objecção em toda a sua força. Pelo que acabamos de ver está ella quasi resolvida.

Sem duvida o credito nada prodnz fallando vulgarmente; mas sem ajuntar por si mesmo algum valor novo á massa dos valores que um paiz possui, não augmenta ao menos seu capital productivo, se dá unicamente a empregos fecundos todos os valores que dormem inactivos? Considerai a situação de um paiz tal como a capital do imperio. Percorrei as officinas, os almazens, por toda a parte achareis massas consideraveis de mercadorias não vendidas em deposito. Ninguém duvida que em todos os tempos sua importancia excedesse muito a do mercado que podia existir no paiz. Estão a cargo dos seus possuidores que se agitam em todos os sentidos para vendel-as. Estas mercadorias pois, excepto as que são destinadas ao consumo definitivo, poderião ser fructuosamente empregadas por outros industriosos, para quem serião com grande satisfação sua e vantagem do paiz, ou materias primas ou instrumentos de trabalho. Em lugar disto descanção esperando compradores. Sem duvida ellas serão vendidas algum dia, mas lentamente, com

demora, e até com alguma perda de tempo e trabalho! Supponde que, por effeito de alguma vara magica, todos estes productos achão em um momento tomadores; que de uma parte os almazens atulhados se esvazião; e que por outra, todos os que são capazes de utilizar os productos existentes seão providos; que em uma palavra, toda a massa das mercadorias a vender passe rapidamente, sem lentidão e sem obstaculos, do estado de producto inerte ao de capital activo: que nova actividade no paiz! que exaltação instantanea do poder productivo! e immediatamento que crescimento de riqueza! A vara magica é o credito, e esta transformação rapida é precisamente o beneficio que elle realisa.

Os beneficios do credito procedem com effeito do unico facto, que é activar o serviço dos capitães. Elle os reconduz constantemente para empregos fecundos, abrevia o tempo de sua inercia, do seu somno, e multiplica de certo sua força reproductiva. Eis-aqui o que se exprime ordinariamente por esta palavra energica, actividade de circulação, palavra bem conhecida, posto que raras vezes comprehendida no seu alcance. Tudo isto reduzido a mais simples expressão quer dizer que o credito traz mais geral e mais activa circulação. Mas quantas coisas nestas unicas palavras! Para o homem que sabe ver, tudo consiste nisto: poder productivo, trabalho, riqueza, bem estar de todos e de cada um.

Por meio da palavra — actividade de circulação — pôde-se explicar este phenomeno, aliás inexplicavel, de negociantes e industriozos fazendo todos, com o favor do credito, dez vezes mais negocios do que farião privados deste socorro. Fazem dez vezes mais negocios: quer isto dizer que os valores existentes em suas mãos serião, em um momento dado, dez vezes mais consideraveis do que serião sem o credito? Não, seguramente, porque donde sahirião, uma só vez sequer, todos estes valores excedentes para serem partilhados por todos? Quer dizer que em um intervalo de tempo dado, o negociante ou o productor tem dez vezes, em lugar de uma, renovado suas materias e seus productos. Quer dizer que, em vez de deixar seus capitães esterilmente consumidos em uma quantidade incommoda de mercadorias a vender, tem tirado proveito de sua prompta renovação para decuplar sua produção, que, graças ás facilidades que concede e ás de que dispõe, ou augmenta dez vezes o numero de seus instrumentos de trabalho ou tem cooperado para que cada um dos seus, por emprego mais activo, dê fructos dez vezes mais abundantes. Eis-aqui todo o mysterio; simples em seus termos, como fecundo em seus resultados.

(Continúa.)

N. 84. — Quartel general da Corte, 24 de março de 1848.

ORDEN DO DIA.

Para conhecimento da guarnição manda S. Ex. o Sr. general conde de Cavias commandante das armas fazer publico que por avisos do ministerio da guerra de 22 do corrente mez lhe foi communicado ter sido demittido, por decreto de 18 deste mez do commando do corpo de Artífices do arsenal da guerra da Corte o Sr. major João Pedro de Araujo e Aguiar, e nomeado na mesma data do 22 o Sr. major da 1.ª classe do estado maior do exercito Manuel Alves de Gusmão, para commandante interino do referido corpo; pelo que determina S. Ex. que este Sr. major passe a assumir o indicado commando com todas as formalidades do estylo.

O mesmo Esm. Sr. manda outrossim fazer publico que por outros avisos tambem de 22 deste mez lhe foi igualmente communicado que S. M. o Imperador houve por bem determinar que o Sr. alferes do 6.º batalhão de caçadores Alexandre Augusto de Farias Villar, seja designado do deposito de recrutis a fim de se ir reunir ao seu corpo estacionado na provincia de Pernambuco, e que o Sr. alferes do 5.º batalhão de caçadores Luiz da França de Carvalho, vá servir na provincia do Ceará addido ao respectivo corpo fixo de caçadores. — José Joaquim do Couto, ajudante de ordens e encarregado do detalhe.

N.º 10. — Quartel General do commando superior da guarda nacional da Corte, em 4 de Março de 1848.

ORDEN DO DIA.

S. Ex. o Sr. tenente general commandante superior determina que os corpos da G. N. de seu commando, fação o actual serviço da guarnição no proximo futuro mez de abril pela forma seguinte:

- 1.º batalhão 6, 11, 16, 21, 26 e 30, menos o thesouro a 30.
2.º dito 7, 15 e 22.
3.º dito 3, 10 e 25.
4.º dito 5, 14, 24 e 29 menos o thesouro a 29.
5.º dito 8, 13, 19, 23, 27 e 30 menos o paço a 30.
6.º dito 9 e 18.
Artilheria 4, 12, 20 e 28, menos o thesouro a 12.
10.º corpo de infantaria a 1 e só thesouro 12 e 29.
O corpo que der a guarda do paço, dará tambem os Srs. officiaes para dia e ronda de visita. — José Joaquim Ferreira, ajudante d'ordens interino.

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Parte do dia 23 de março de 1848.

Na freguezia de Santa Anna forão presos á ordem do respectivo subdelegado, 3 escravos por infracção de posturas.

Na da Candellaria, o escravo Antonio, Angola, para averiguações.

Secretaria da policia da Corte, 24 de março de 1848. — João da Costa Leite.

DECLARAÇÕES.

O Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, do conselho de S. M. o Imporador e inspector da alfandega desta corte &c.: Faz saber que no dia 27 do corrente mez se hão de arrematar em praça ao meio dia á porta da alfandega, 17 cunhetes com peras pesando 628 libras por 165 000 vindos do Porto no navio Anelita, e impugnados pelo continuo J. de Saules, sendo a arrematação sujeita a direitos. Alfandega, a 24 de março de 1848. — Saturnino de Souza e Oliveira.

De ordem do Illm. Sr. inspector geral das obras publicas avisa-se a todas as pessoas, que tem fornecido materias e mais objectos para as mesmas obras no corrente mez, que impreterivelmente até o dia 28 do corrente deverão apresentar suas contas, e não o fazendo até o referido dia, não serãõ jámais admittidas em folha, sem que recorirão á secretaria de estado, por isso que causa extraordinario desarranjo á escripturação. — Xarife das obras publicas, 24 de março de

1848. — José Teixeira de Abreu e Silveira, almozarif.

Pela secretaria da policia da provincia de Rio de Janeiro se faz publico, que Joaquim José Peixoto Guimarães, que tinha pedido passaporte para a provincia de Minas, como se annunciou, declarou que mudando de resolução queria passaporte para a provincia do Rio Grande do Sul. Secretaria da policia da provincia do Rio de Janeiro, 23 de março de 1848. — Gaspar Antonio da Costa Leal, 1.º amanuense da secretaria da policia.

A roda da 14.ª loteria do Monte Pio Geral de Economia dos Servidores do Estado, anda no dia sabado 1.º do proximo mez de abril em o consistorio da Santa Casa da Misericordia. Rio de Janeiro, 24 de março de 1848. — João Pedro da Veiga.

COMMERCIO.

EMBARQUES DE CAFÉ NO DIA 24.

Table with columns for ship names (Maxwell e C., D. Ragotti e C., etc.), destinations (Baltimore, Constantinopla, etc.), and quantities in sacks (2200, 1000, etc.).

Table with columns for 'ALFANDEGA' and 'CONSULADO', showing 'Rendim. de 1 a 23...' and 'Rendim. de 1 a 23...' with corresponding values.

IMPORTAÇÃO.

ENTRADAS POR CABOTAGEM NO DIA 24. Generos nacionaes.

- Assucar 12 caixas, 190 barricas, 2 feichos e 31 saccos.
Arroz 25 saccos.
Carne 9,950 arrobas.
Café 12,106 saccos.
Farinha 47 ditos.
Feijão 405 ditos.
Fumo 257 rollos.
Graixa 274 arrobas.
Madeira 134 duzias.
Milho 65 saccos.
Sabo 720 arrobas.
Toucinho 329 sacozes.

Generos estrangeiros.

- Cadeiras 59 caixas.
Carre 17 barricas.
Fazendas 25 volumes.
Ferragens 52 ditos.
Vinho 31 barris.

EXPORTAÇÃO.

Embarcações despachadas no dia 24.

- Malta, bergantim inglez «Christine Witch» de 225 tons., consig. White, manif. 1,600 saccas com café, e reexp. 2,610 couros secos.
Pernambuco, barca portugueza «Flor da Maia» de 350 tons., consig. João Pereira Martins, segue em lastro.
Stockholmo, bergantim sueco «Betty» de 228 tons., consig. Freeland K. Collings e C., manif. 2,649 saccas com café.
Genova, barca sarda «Bella Lamegna» de 304 tons., consig. Hobkirk, manif. 896 saccas e 4 barricas com café, 600 couros secos, 300 quintaes de ferro velho, e reexp. 5,938 couros secos.
Africa, escuna americana «Martin L. Smith» de 103 tons., consig. White, manif. 680 saccos com farinha, 330 ditos com feijão, 50 taboas de pinho, 290 arrobas de carne secca, 5 fazeixas, reexp. 600 espingardas, 70 volumes de fazendas e 1 dito de ferragens.
Colúmbia por Santos e Montevideo, brigue-escuna nacional «Espectador» de 185 tons., consig. Francisco de Arango, manif. 2 pipas com aguardente, reexp. 100 barris com vinho, 40 barricas com genebra, 45 pipas com aguardente e 10 caixas com fazendas.
Hamburgo, barca prussiana «Liverpool» de 385 tons., consig. J. Barbenson, manif. 4,333 saccas com café, 8,300 chifres, e reexp. 1,222 couros secos.
Porto Alegre, escuna nacional «Pampa» de 165 tons., consig. José Ferreira Porto, manif. varios generos.
— bergantim nacional «Setta» de 204 tons., consig. Militão Maximo de Souza, manif. varios generos.
Santa Catharina, patacho nacional «Natividade» de 84 tons., consig. José Borges da Costa, manif. varios generos.
Rio Grande por Paranaguá, patacho nacional «Lopes» de 127 tons., consig. Ignacio Gomes Cardia, manif. varios generos.
Aldeia Velha, sumaca nacional «Gloria» de 97 tons., consig. Rodrigo José de Abreu, manif. varios generos.
S. Matheus, hiate nacional «Subtil» de 58 tons., consig. Joaquim Vieira da Cunha, manif. varios generos.
Itapemirim, hiate nacional «Espírito Santo» de 38 tons., consig. João da Silva Lomba.

Despachos de exportação no dia 24.

- Abo, no bergantim russo «Preciosa» F. Le Breton e C. 300 chifres.

- Ballico, no bergantim dinamarquez «Ida» S. Kohl-Jahl e C. 1,500 saccas com café.
Cabo da Boa Esperança, no bergantim inglez «Sans Parcille» S. D. e Benjamin 300 saccos com assucar, Astley e C. 100 saccas com café.
Gothemburgo, no bergantim sueco «Magnus» Schroeder e C. 373 saccas com café.
Havre, na galeia franceza «Jeune Pauline» A. Leuba e C. 252 saccas com café, H. Husy 30 barricas com dito.
— na barca franceza «Achilles» Avrial Irmãos 159 couceiras de jacaranda.
Hamburgo, na barca prussiana «Liverpool» Schroeder e C. 120 saccas com café.
Lisboa, na galera portugueza «Firmeza» Costas Rochas 128 saccas com café.
Malta, na escuna ingleza «Bysantium» A. Balli e C. 450 meios do solia.
Montevideo, no bergantim nacional «Atala» N. Neuron 4 caixas com rapé.
— no bergantim nacional «Venus» A. D. dos Santos 2,600 pares de tamancos.

Leilões.

LEILÃO DE MOVEIS.

CAMPBELL & GREENWOOD fazem leilão hoje sabado 25 do corrente, ás 10 horas em ponto, na praça da Gloria n. 29 (largo do Machado) logo adiante da capella, dos moveis de mogno e jacarandá, prata em obra, casquilhas, cristaes &c. &c.; pertencentes ao Sr. H. GREENWOOD que se retira desta corte, constando de um guarda roupa grande, e guarda vestidos em tres corpos, um dito mais pequeno, e ambos mui superiores; camas de mogno e jacarandá, mezas redondas, cadeiras, ditas de descaço com almofadas, ditas elasticas e forradas de marroquim, mezas de jogo e de sofa, sofas entalhados com assento e encosto de palhinha, um superior guarda livros com guarda prata de mogno massico em dous corpos, meza de jantar, lavatorios, uma cama elastica, copos, calis e garrafas de cristal fino lapidadas, galheteiros para licores, colheres e garfos de prata, um superior pianzo forte de armario, author Broadwood & Sons.

ANNUNCIOS.

REGNAVA NEL SILNZNIO.

Grande cavatina da opera — LUCIA DE LAMMERMOOR — a qual foi cantada pela Sra. Mercá, no dia do seu beneficio; achase impressa mui bem arranjada para piano só: preço 1U rs., fazendo esta bella peça de musica o 4.º e ultimo numero da collecção intitulada:

AS NYMPHAS BRASILEIRAS.

O 1.º n.º contem para piano e canto, a linda supplica — Oh dischiuso è il firmamento — da opera — NABUCODONOSOR — preço 6U rs.; 2.º a mui bella aria para piano só — Non fu sogno... In fondo all'alma — da opera — I LOHENGELIN — preço 1U rs.; 3.º a graciosa cançõneta para piano e canto — Il mio babbo mi dicea — da opera — IL DISERTORE PER AMORE — preço 600 rs., o que tudo faz uma brilhante collecção; vendem-se na imprensa de musica de Filippone e C., rua dos Lateteiros n. 59.

LIVROS DE RELIGIÃO.

Preço: de 1U40 até 4U rs., conforme a encadernação — Manual dos officios da semana santa — Horas Marianas — Imitação de Christo — Relicario Angelico — Deos é todo puro amor — Manual de missa — Horas portuguezas — Horas de Maria Santissima — Manual do Christoão; na rua da Quitanda n. 174.

LUGA-SE a casa n. 13 da rua do Regente, de tres portas, com uma sala, dois quartos e sofito, propria para pessoa que não faça jantar em casa, por não ter cosinha; trata-se na casa n. 15 da mesma rua.

PRECISA-SE de quem faça camisas de morim e collettes com perfeição; na rua do Hospicio n. 75.

JOSE Pinto Ribeiro, morador na rua da Valla n. 136, faz sciencia ao respeitavel publico, e particularmente as pessoas com quem tem relações, que havendo outros do mesmo nome, e para evitar duvidas, passa a assignar-se José Pinto Ferreira da Silva.

NA loja de fazendas da rua do Sabão n. 143, defronte da igreja do Senhor Bom Jesus, vendem-se cortés de vestido em cassa de varios padroes 2U400, peça de morim em retalho com 20 varas 2U800, cortés de chita em retalho cores fixas 180 e 200 rs. o covado, peças de escocia fina 3U500 e 4U500, lenços de seda e algodão para pescoço de Sra. e para homem 320 rs., peças de algodão americano encorpado 2U800 e 3U400, uma porção de chita cor de rosa 140 o cavado, lenços de seda de varias cores 900 rs., chitas de padroes modernos cores fixas 200 e 240 rs. o covado, peça de morim fino 4U. 5U e 6U, lenços bordados para pescoço de Sra. 320 rs., e outras muitas fazendas por preço commodo.

VENDE-SE, na travessa de S. Januario, em S. Christovão, as casas ns. 18, 20, 22 e 24, com uma chacara mui bem plantada de arvoredos fructiferos, tendo a boa laranja selecta e da china, cajueiros, mangueiras, pecogueiros, etc., etc., os quaes estão mui bem plantados em symetria, e tendo pelo centro uma rua mui bem alinhada, que vai até ao campo de S. Christovão aonde faz fundos, existindo mais a boa agua de

beber: a chacara está em um local excellente para quem tiver gosto; existe mais junto aos ditos predios um armazem que pode servir para cocheira: para as vér a qualquer hora; e para tratar na rua do E-ppito Santo n. 4, junto ao largo do Rocio, ou na rua da Providencia n. 28.

Pianos de ferro batido

feitos por João H. T. Nilsen, vendem-se na rua do Theatro n. 17; na mesma casa faz-se todo e qualquer concerto de pianos com perfeição, brevidade e preço commodo.

O GRANDE RESTAURADOR DA SAUDE.

Entre as varias preparações que se tem offerecido ao publico, nenhuma tem adquirido uma popularidade tão rapida com a

SALSAPARRILHA DO DR. MEAD.

Apresentão-se diariamente effeitos prodigiosos que só se poderião acreditar por demonstração ocular. Em todos os casos complicados de escrophula e syphills, quer hereditarios, quer de recente infecção, seus effeitos immediatos são admiraveis, e o unico remedio que tem até ao presente sido descoberto, no qual se pode confiar, Melhora a molestia, e ao mesmo tempo dá vigor a todo o systema, effeito este que ha muito era em vão procurado pela medecina. Em muitos casos em que as feridas descobrem os ligamentos e os ossos, e onde a amputação parece inevitavel, a applicação deste remedio em tempo tem poupado a operação, e o doente restabelecido a suade perfeita. Sua seguridade, em se fazer uso d'elle, e sua simplicidade, tem sido completamente provadas, de maneira que pode ser administrado á criança da menor idade.

Tanto para a presente, como para a geração futura, o beneficio é incalculavel, não só por salvar muitas vidas preciosas, como por infundir força, vigor e salubridade a constituições corrompidas e debilitadas, preservando assim seus filhos de infirmitades hereditarias.

Numerosos casos se podião citar de seus prodigiosos effeitos desde que pela primeira vez foi introduzida neste imperio, principalmente entre os fazendeiros onde é difficilissimo obter auxilio medico. É impagavel em todos os casos de escrophula, syphills, feridas na garganta, molestias cutaneas, rheumatismo, enchações, chagas, dores nas juntas, e todas as molestias que procedem da impureza do sangue.

A genuina vende-se unicamente no n. 40, rua do Hospicio: preço 20 rs. cada vidro.

VINHO VERDE DE BASTOS.

O superior vinho verde de Bastos, chegado no ultimo navio de Porto, vende-se por preço commodo no armazem da rua do Sabão n. 117 A, canto da rua da Valla.

VENDEM-SE ou arrendão-se duas casas para

negocio, sendo uma na villa do Itaguahy distante do embarque meia legua, e da villa um quarto, constando a mesma casa de seis grandes armazens, um grande salão para familia, commodos sufficientes e armações para o quanto é necessario para estabelecer um grande negocio, tendo anexo um grande pasto e capinzal, poço de excellent e agua dentro de casa, um prazo de terras na margem do rio Teixeira distante da mesma casa meio quarto de legua, terreno muito proprio para plantações de mantimentos ou para um grande pasto de criar; sendo a outra casa no lugar denominado Campo Grande distante desta Corte 5 1/2 leguas na estrada geral, que segue a Santa Cruz, contendo a mesma casa 4 arnazes e armação, propria para negocio, com commodos para familia, pastos; capinzal e cavallaria; e para animaes; tudo em muito bom estado, tendo esta casa um pequeno resto de fazendas, ferragens e molhados o que se vende ou arrenda sem os ditos generos ou com elles conforme a vontade dos pretendentes. Quem ás mesmas casas pretender pode dirigir-se á rua nova de S. Bento n. 49, das 8 ás 11 horas da manhã, ou das 2 ás 5 da tarde.

PHOSPHOROS

a 100 rs. a meia duzia, 180 rs. a duzia e 2U rs. a grossa; rua da Princeza dos Cajueiros n. 95.

A sociedade que tem girado nesta praça debaixo da firma de Antonio Filippé da Motta e C., declara que não deve nada, e se alguma á mesma firma se considerar credor, apresente os seus documentos dentro em 12 dias a contar desta data, no largo da igreja de S. Christovão n. 13: este annuncio deverá entender particularmente com Antonio Filippe da Motta; pois que tenciona fazer uma viagem a Portugal, deixando por seu procurador, e encarregado de receber o que se deve á mencionada firma, ao seu amigo o Illm. Sr. José da Silva Penna, da villa do Pirahy.

BERAL e C., com fabrica de ourives, na rua dos Ourives n. 59, participão aos Srs. ourives, que se achão habilitados para poderem estampar e cunhar, qualquer obra maciça ou ouca, de ouro, prata, ou qualquer outro metal, por preços commodos, por terem um macaco de muito peso igualmente um balaceiro; tambem se encarregão do fabrico de qualquer cunho para o dito officio de ourives, ou quaesquer outras obras por terem em sua casa um muito habil abridor lavrante. As pessoas que precisarem destes objectos podem procurar no numero acima, que serãõ satisfeitas no preço e trabalho. Tambem laminão chapas de ouro e prata para o que tem muito bons laminadores.

QUEM tiver uma criança já desmamada, que queira dar a criar; dirija-se á rua do Rezende n. 67, que allança-se a criação e carinhó que é proprio para criança.

100

CARTÕES DE VISITA

POR 37000!!!

nitidamente gravados, e em superior cartão porcelana; na lithographia do Commercio, rua dos Pescadores n. 88.

PESCADA de Portugal a 200 rs. a libra, dita em barris de 48 libras a 6000 réis, sardas de Lisboa a 120 cada uma, vinhos puros de Lisboa a 960 e 800 réis a medida, presuntos americanos a 320 réis, ditos do porto a 200 réis, azeitonas do Porto novas a 1000 a ancoretta, manteiga ingleza nova a 960, 800 e 610 réis a libra, queijos londrinos e do reino muito frescos, doces em calda de todas as qualidades, marmelada e goiabada nova, e todos os mais generos de molhados muito superiores e muito baratos; no armazem da rua do Rosario n. 81.

NA fabrica de charutos da rua da Conceição n. 110, da cidade de Nietheroy, precisa-se de officiaes charuteiros que sejam de 12 a 14 annos.

PRECISA-SE de um moço para caixeiro de venda, com pratica ou sem ella; na rua dos Arcos n. 18.

40 RUA DO HOSPICIO 40 FLOR DE LIRIO. 40 RUA DO HOSPICIO 40

NA casa de pasto da rua da Valla n. 155, aprontam-se jantares para fora com muita perfeição a preço commo; na mesma ha todos os dias canja de gallinha, e outras variedades de bons petiscos.

40 Rua do Hospicio 40.

SALSAPARRILHA DO DR. MEAD.

Preço 275 rs. cada vidro.

As pessoas que padecerem de molestias seguintes, podem restaurar a saude fazendo a sua applicação, como seião: escrophulas ou mal de pelle, erupções desta, borbulhas no rosto, feridas escorbuticas, feridas nas pernas, tinha na cabeça, feridas antigas de caracter maligno, syphilis, rheumatismo, dores nas juntas e nos ossos, mal chronico nos olhos, hemorroidas, escorbuto, e toda a qualidade de molestia de pelle, seja qual for a sua origem.

Plainsville, 1.º de julho de 1847.

Meu amigo.

Não tenho expressões sufficientes com que possa confessar a minha gratidão, participando-lhe a cura que acaba de fazer a sua affamada salsaparrilha a qual restaurou a saude a uma criada minha de todo o prestimo. Eis o caso: — Antes de tomar a sua salsa, ella havia soffrido muito tempo de feridas na garganta, o que a fazia ter difficuldade no fallar, e quasi que se não podia ouvir a voz. Forão-lhe applicados varios remedios, mas sem resultado algum, e ouvindo contar os numerosos casos, de natureza iguaes a este, que a sua salsa havia curado, logo que a começaram a usar, resolvei-me a fazer um ensaio, e nesta conformidade mandei comprar meia duzia de garrafas. Logo que ella acabou de tomar a quarta, as feridas tomáram inteiramente outra face, o que me fez esperar umas melhoras continuadas; e agora posso dizer que, depois de haver tomar dez garrafas, se acha perfectamente curada, o que tem causado grande admiração a todas as pessoas que a virão durante a sua enfermidade.

Este caso pode fazer-se publico, porque é bem conhecido nesta vizinhança, e aquellas pessoas que desejarem saber-o mais circumstanciadamente, poderão dirigir-se ao seu grato e obrigado criado.

ROBERT DUNKIN.

40 Rua do Hospicio 40.

A QUEM lhe faltar um moleque que não sabe dizer o nome de seu senhor, procure na venda do becco de Santa Rita n. 1, que dando os signaes certos lhe será entregue.

VENDE-SE uma preta que engomma perfectamente, lava e eosinha; na rua do Livramento n. 32.

A LUÇA-SE uma sala e alcova para homem solteiro, com comida ou sem ella; na rua do Livramento n. 32.

FUGIO no dia 11 do corrente um preto do nome Thomaz, de nação Moange, idade 30 annos, altura regular, muito grosso do corpo e cara, tem um talho no nariz, e usa de barba serrada; levou vestido calça e camisa de riscado, e camisa de baeta azul, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado; quem do mesmo der noticia ou o levar á rua dos Ourives n. 39, será bem gratificado.

VENDEM-SE por preço muito commo, algumas braças de terreno bastante aproveitavel para edificação de predios de recreio, sendo elle situado na rua de Matapócos n. 1; trata-se á rua da Quilanda n. 13.

NA rua Direita n. 43, existem cartas para os Srs. Ricardo Joaquim de Carvalho, e Joaquim Correia Soares, vindas da Bahia.

O Dr. Duque-Estrada, medico homeopatha, faz sciente ás pessoas que precisarem de seu ministerio, que do dia 27 de março em diante será encontrado no seu gabinete na rua das Bellas-Artes n. 1, esquina da rua do Sacramento, das 8 as 8 horas da manhã até ás 5 da tarde. — Dr. Duque-Estrada.

DAMASCOS de seda de todas as cores a 2U500 rs. o covado, sarja de seda hespanhola a 2U400 rs.; na rua do Ouvidor n. 156.

PRECISA-SE de um caixeiro para a padaria da rua do Cano n. 33, que saiba escrever e contar e que dê fiador á sua conducta.

MUDANÇA DE DOMICILIO.

O deposito da Imperial Fabrica do Rapé Arêa-Preta de Meuron e Comp., mudou-se da rua Direita n. 58, para a rua do Sabão n. 10, armazem, mui perto do antigo.

RELOGIOS AMERICANOS.

Acaba de receber-se um grande sortimento. São feitos pelo primeiro fabricante dos Estados- Unidos, e garante-se o regular andamento de cada um para o que se dará garantia por escripto; e se o relógio não agradar, torna-se a entregar o dinheiro. Preços: de 1477 até 3577 rs. F. H. Southworth, 79, rua do Rozario.



MOVIMENTO DO PORTO.



SAHIDAS NO DIA 24.

LIVERPOOL — Brig. ing. Jane Bernie, 323 tons., m. Robert Bernie, equip. 11: c. varios generos.

NEW-YORK — Barca amer. Chaaning, 353 tons., m. Wm. Todams, equip. 12: c. café; passag. o Americano Filwd. Ferraud.

BAHIA — Pat. Santa Barbara Vencedor, 237 tons., m. José Damasceno de Araujo, equip. 10: c. varios generos; passag. Mucario das Chagas Araujo Lessa, Antonio da Cruz Baptista, Thomas Neville, e um escravo.

PARATY — Hiate Paratiense, 76 tons., m. Luiz Correia Marques, equip. 7: c. sal e generos; passag. Florentino José da Silva.

MACAHE — Sum. Vinte e Seis de Maio, 33 tons., m. José Victoria, equip. 4: c. varios generos; passag. Francisco Antonio.

CABO FRIO — Lanc. S. Francisco de Paula, 33 tons., m. Thomaz Pinto da Silva, equip. 5: em lastro; passag. Lourenço Gomes e Jacintho de Jesus e Silva.

ENTRADAS NO DIA 24.

ILHA DA MADEIRA — 27 ds., frag. ing. Mianda, comm. Keppel.

VALPARAISO — 75 ds., brig. chil. Martina, 258 tons., m. Guilherme Farthou, equip. 12: c. guano e lá a ordem.

NEW-YORK — 51 ds., vap. de guer. peruano Rimac, comm. Riestra.

RIO GRANDE e Santa Catharina — 7 ds., e 5 hs., e 3 ds., e 7 hs. do ultimo, paquete de vapor Todos os Santos, comm. 1.º tenente Joaquim Salomé Ramos; passag. M. Antonio Galvão, senador; Dr. Vicente José da Costa Cabral, 1.º tenente de armada, Manuel Moreira da Silva, Antonio Luiz dos Santos, Laurindo Eluardo da Silva, João Nicolau, Tavares de Lima, Ignacio Miranda de Freitas, capitão Innocencio Velozo Padernera, Manuel Velozo Padernera, José Maria de Barros filho, Manuel Ant. Pereira Malheiros, Eugenio Botiux; os Portuguezes Luiz Antonio da Silva Guimarães e sua familia, Antonio José Salgado, Bernardo Peixoto Ribeiro Guimarães; os Hesp. padre Miguel dos Santos Lopes, e Pedro Pierantony, Manuel; Domingos os Francezes Pedro Laynes, 7 recrutas 1 despeneiro de armada, e 6 escravos.

— 16 ds. brig. esc. Transporte Eolo, comm. 2.º tenente Miguel Antonio Pestana, passag. José de Souza Carneiro, João dos Passos Nepomuceno, tenentes Manuel Amancio do Almeida, Manuel Martins de Almeida e sua mulher, Joaquin da Silva Costa, cadetes Lucio da Cunha Pavolide, e João Baptista do Rego Barros Cavaleanti de Aburquerque, 1 escravo, 1 despeneiro de armada, 3 cabos com baixa, 26 soldados e 12 presos militares sentenciados.

— 15 ds. hiate Campista, 94 tons., m. Evaristo Christovão de Campos, equip. 7: c. carne a Mello e Miranda.

— 16 ds., hiate Venus, 106 tons., m. José da Costa Fimenta, equip. 6: c. carne e generos a ordem; passag. Eufragio Lopes de Araujo, os Portuguezes Manuel da Luz, Rodrigues Fragozo, Antonio Francisco Pinheiro, e José Carlos de Abreu.

— 16 ds. brig. Providencia, 302 tons., m. Vicente Antonio, equip. 11: c. carne e generos a João de Faria; passag.

o Austriaco Jorge Melcher, e o Hespanhol Francisco Xavier Brabo.

— 16 ds., brig. esc. Correio do Brasil, 137 tons., m. Domingos José Caetano, equip. 10; c. carne e generos a Miguel d'Avellar; passag. o Portuguez José Baptista Ramos.

SANTA CATHARINA — 12 ds., brig. Neide, 167 tons., m. Manuel José Villela, equip. 10: c. varios generos a Maxwell e comp.; passag. o Belga Frederico Paul.

S. SEBASTIÃO — 3 ds., pat. Relampago, 80 tons., m. José Jacintho Cardial, equip. 10: c. café a Sebastião Moreira da Silva; passag. Frederico Theodoro Telles Barreto, José Antonio da Silva Salenas, Antonio Mariano de Camargo, Joaquin Pereira de Souza Araujo, e o Portuguez José Maria Soares Rodrigues.

— 8 ds., sum. Phenix, 38 tons., m. Manuel da Costa, equip. 5: c. café a varios; passag. os Portuguezes João Caetano Mendonça e Luiz Ignacio dos Reis.

— 3 ds., sum. Iris, 44 tons., m. João Moreira Gomes, equip. 5: c. café a varios; passag. Antonio de Sá.

IGUAPE — 10 ds., brig. Josephina, 129 tons., m. Vicente Julio, equip. 9: c. arroz a Francisco Ignacio Mendes; passag. Jacintho Jorge Peninxe, Alexandre Pedro Nolasco, Manuel Ferreira da Silva e 1 filho.

— 8 ds., pat. Bomfim, 110 tons., m. José Joaquim d'Oliveira, equip. 9: c. arroz a varios; passag. João Dias Baptista, Francisco de Paula Peninxe, Manuel Gomes Carneiro.

ANGRA — 4 ds., sum. Conceição de Maria, 47 tons., m. José de Azevedo, equip. 6: c. café, a varios; passag. Manuel José da Silva.

RIO DE S. FRANCISCO — 8 ds., sum. Actividade, 55 tons., m. Antonio Thomaz Gonçalves, equip. 5: c. farinha e madeira, a José Martins Lopes; passag. Francisco Xavier da Conceição.

CANANEA — 16 ds., hiate S. João Baptista, 59 tons., m. José Antonio Lisboa, equip. 4: c. arroz, a varios; passag. Pedro Vieira e Jesuino José de Medeiros.

MANGARATIBA — 1 d., brig. esc. Principe Imperial, 80 tons., m. José de Souza Porto, equip. 10: c. café, a varios; passag. Manuel Pereira de Rezende, João Antonio Corrêa junior e 1 escravo, e Antonio Duarte.

— 1 d., brig. esc. Gentil Americana, 94 tons., m. José de Souza Martins, equip. 9: c. café a varios; passag. João Antonio de Oliveira e o Portuguez João Joaquim Corrêa de Brito junior.

ITABAPOANA — 3 d., hiate Atrévada, 43 tons., m. Luiz Martins de Souza, equip. 5: c. madeira, a Joaquim Ferreira Bastos.

MAMBUCABA — 1 d., sum. Novo S. Francisco, 49 tons., m. José Joaquim Catta, equip. 6: c. café, a varios; passag. José Justino e o Portuguez José Jacintho Muniz.

MACAHE — 2 ds., esc. Bom Successo, 51 tons., m. José Luiz Pereira, equip. 6: c. café, a José Alves Corrêa; passag. Frugencio Lopes da Cruz; os Portuguezes Domingos José Lopes Guimarães, José Ribeiro de Andrade, Manuel José Alves, e 3 escravos a entregar.

Vem entrando uma galera franceza; á barra um bergantim e duas sumacas.

AVISOS MARITIMOS.

MONTEVIDEÓ.

O brigue nacional Venus sahirá com brevidade, por se achar com a maior parte de seu carregamento prompta; para carga miuda e passageiros, trata-se na rua do Sabão n. 18.

RIO GRANDE.

A sahir brevemente o patacho Regulo, capitão José Maria Vianna; para carga e passageiros, trata-se na rua Direita n. 90, ou com o capitão no consulado.

THEATROS.

De S. Pedro de Alcantara.

COMPANHIA DRAMATICA.

45.ª recita da assignatura.

Sabbado 25 de março de 1848.

Dia de festa nacional, em solemnidade as anniversario do juramento da constituição do imperio. Depois que os professores da orchestra tiverem executado o

HYMNO NACIONAL

terá logar a representação do muito applaudido drama de grande espectáculo em 4 actos:

GENOVEVA DE BRABANTE.

Findo o 1.º acto, a Sra. Candiani cantará a aria de 1.º acto da opera

BEATRICE DI TENDA.

Os bilhetes vendem-se no logar do costume.

Principiará ás 8 horas.

De S. Francisco

SABBADO, 25 DE MARÇO DE 1848.

Abriu-se-lha a scena com o

HYMNO NACIONAL

cantado pela Sra. Maria Thereza Benedicta, e a companhia dramatica.

Seguir-se-ha a 3.ª representação do apparatuso e muito applaudido drama em 5 actos:

HERNANI

ou

A HONRA CASTELHANA.

O Sr. Ronchete e a Sr. Maria Thereza cantarão o dueto de

ELIZA E CLAUDIO.

O Sr. Martinho cantará pela 2.ª vez a aria

OS APUROS DE UM BENEFICIADO.

Terminará o espectáculo a 1.ª representação (nesto theatro) da comedia em 1 acto:

AS LUVAS AMARELLAS,

na qual o Sr. Lisboa executará o papel de mestre de dança.

Principiará ás 8 horas.

SALÃO DA FLORESTA.

Hoje, sabbado, 25 de março, em beneficio de D. Maria Isabel Carlota da Fonseca, haverá a vario do divertimento de jogos physicos executados pelo Sr. João Lipolis, que em obsequio a beneficiada, se quiz prestar com o seu talento.

Dará começo pelos jogos seguintes:

- 1.º O furto de chischengia.
2.º Cinco formão um.
3.º O fulmine de Marte.
4.º A panella incomprehensivel.
5.º A caixa dos diabos.
6.º A bengala mysteriosa.
7.º O chapéo eterno.
8.º A viagem veloz.
9.º O sempre applaudido jogo da cozinha cossaca no campo da batalha.

No fim do dito divertimento terá logar o baile, o qual acabará ás 3 horas.

A beneficiada espera merecer a protecção de respeitavel publico.

Table with 5 columns: ULTIMAS DATAS, PARTIDA DOS CORREIOS, CALENDARIO, PARTIDA DOS OMNIBUS, CAMBIOS. It contains shipping schedules, dates, and exchange rates.